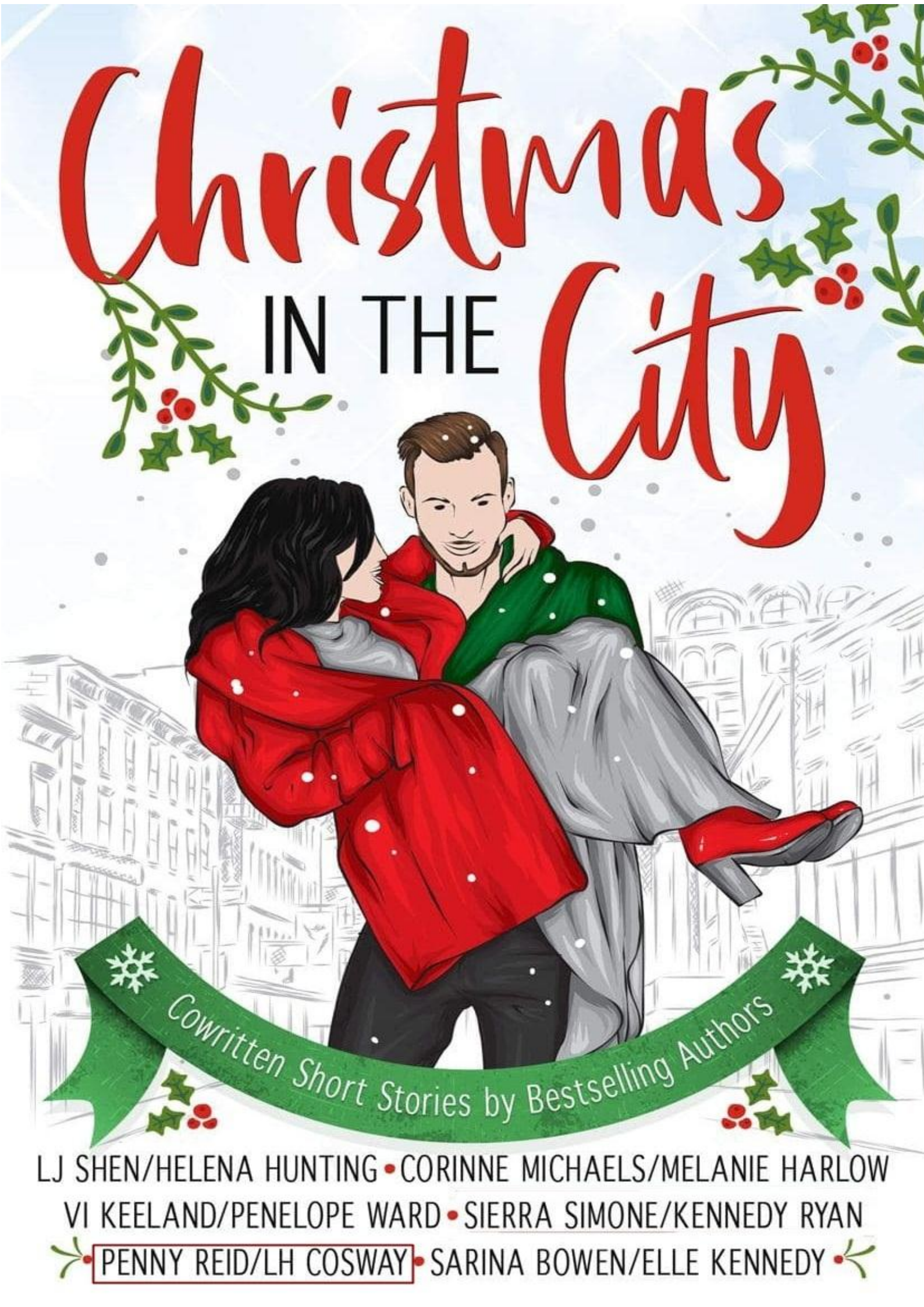
Christmas IN THE City



Cowritten Short Stories by Bestselling Authors

LJ SHEN/HELENA HUNTING • CORINNE MICHAELS/MELANIE HARLOW

VI KEELAND/PENELOPE WARD • SIERRA SIMONE/KENNEDY RYAN

PENNY REID/LH COSWAY • SARINA BOWEN/ELLE KENNEDY



DOLL BOOKS

Tradução: Lilly

Revisão: Lorelai

Leitura: Luna

Formatação: Ariella

SONGBIRD

PENNY REID & LH COSWAY

Duas almas solitárias encontram companhia em Dublin para uma noite mágica.

Broderick Adams não se importa com sua solidão, até ela aparecer.

Ophelia Kelly canta para curar seu coração, mas não tem ideia de que ele está ouvindo.



OPHELIA

— Ophelia! Está me ouvindo?

— Eu o quê? — Me sacudindo de um devaneio, meus cílios vibraram quando Sally - minha supervisora - voltou ao foco.

Um pequeno sorriso torto curvou seus lábios para o lado. — Na terra das fadas novamente.

— Não. No Grammy, na verdade. — eu murmurei, mas ela me ouviu.

Uma risada alta e repentina encheu o ar, suas bochechas rosadas agudas sob os olhos cansados, mas brilhantes. — Meu Deus. Esta se imaginando a próxima *Queen Bee*, não é? — Sua risada dobrou e ela enxugou os olhos. — Bem, quando você terminar o tapete vermelho, Beyoncé, você poderia levar esses sacos para fora?

Eu olhei para onde ela gesticulou e encontrei sacos de lixo preto, franzindo meu nariz com o cheiro desagradável que emanava deles e irritada que o pessoal do turno da manhã não os tinha levado.

Como camareira em um dos hotéis cinco estrelas mais prestigiosos de Dublin, ganhava 9,80 euros a hora e gastava a maior parte do meu salário com aluguel. Não sobrava muito para o luxo, mas meus sonhos me ajudaram. Enquanto eu trocava lençóis de cama, limpava banheiros e aspirava - diabos, mesmo enquanto eu deitava na minha cama do beliche, a de baixo, todas as noites, minha companheira de cama

roncando acima - eu me imaginava em outro lugar, geralmente fabuloso, e geralmente completamente ridículo. Por exemplo, esta noite, quando eu terminei meu turno da noite, na minha cabeça eu estava entrando no palco para aceitar meu Grammy.

Isso é tão inesperado. Nunca em um milhão de anos eu pensei que estaria aqui na frente de todos vocês...

Eu seria graciosa e humilde ao receber meu prêmio e, em seguida, reencontrar meu marido, Henry Cavill, que estava sentado na plateia. Ele passava a noite olhando para mim com amor, então íamos para casa, para nossa cobertura de um milhão de dólares, e fazíamos amor com nossos lençóis de algodão egípcio de 1000 fios.

Ok, então era mais provável que eu fosse a única lavando aqueles lençóis, mas eu prefiro viver em minhas fantasias hoje em dia do que fazer qualquer outra coisa. Pelo menos em minhas fantasias, meu cabelo loiro robusto e comprido estava em algo diferente de um coque ou uma única trança lisa.

Falando nisso, preciso cortar o cabelo.

— Ophelia? Os sacos? — minha supervisora me alertou novamente, não de forma indelicada. Sally não era má pessoa, sempre com um riso fácil e, na maioria das vezes, justa - exceto quando se tratava da supervisora do turno do dia, eu suspeitava que ela gostava de provocar.

— Claro, sem problemas. — respondi. — Eu só queria que o turno do dia levasse o lixo para fora de vez em quando.

Sally riu alto. — Tenha cuidado com o que deseja, Ophelia, especialmente no Natal. Pode se tornar realidade.

— Nesse caso, eu retiro. Se o meu desejo se concretizar, é melhor pedir algo muito melhor do que que as pessoas jogarem o próprio lixo.

Sally balançou a cabeça divertida enquanto eu puxava os sacos para fora da entrada dos funcionários e jogava no gigantesco contêiner atrás do prédio, que cheirava ainda pior.

— Muito obrigada, amor. — Sua voz disse atrás de mim e eu ouvi as fechaduras se encaixando.

Eu me virei, limpando minhas mãos na calça jeans. — Bem, se não há mais nada, acho que vou embora.

— É claro. — Sally acenou com a cabeça rapidamente, tremendo e olhando para o céu estrelado. — Neve na previsão. Tome cuidado e fique aquecida.

— Você também, Sally.

Ela se virou e gritou por cima do ombro: — Feliz Natal. Não posso esquecer isso.

— Feliz Natal! — Gritei de volta, observando-a até que ela dobrou a esquina e desapareceu. Saí para a rua, enterrando meu rosto em meu lenço para me proteger do frio. Minha respiração era visível na temperatura gelada enquanto eu cantava baixinho para mim mesma, as solas das minhas botas de borracha quase silenciosas no pavimento.

Do outro lado ficava o St. Stephen's Green, os postes de luz lançando sombras na vegetação do parque. Mais abaixo, as luzes de Natal que adornavam as lojas e restaurantes no topo da Grafton Street apareceram, cintilando em toda a sua glória festiva. A área ainda estava fervilhando de atividade, mesmo àquela hora. Alguns corriam para comprar presentes de última hora, enquanto outros se socializavam em bares com amigos e entes queridos. Era exatamente o oposto de amanhã, dia de Natal, quando tudo estaria fechado, as ruas de Dublin vazias e silenciosas, como a cena de abertura de algum filme de zumbi pós-apocalíptico.

Quando cheguei ao ponto de ônibus, gemi. A tela dizia que faltava uma hora para o próximo ônibus. Não tive outra escolha a não ser esperar. Pensando que ficaria mais aquecida se continuasse caminhando, decidi dar uma volta para matar o tempo.

Trabalhar até tarde na véspera de Natal não era tão ruim quando você não tinha ninguém esperando por você em casa. Apenas mais uma noite em Dublin, exceto que as ruas eram mais festivas. O tempo estava frio e a previsão ameaçava nevar, mas o interior dos restaurantes brilhava intensamente como faróis.

Tomando meu tempo, me senti como Charlie Bucket espiando as pessoas pelas janelas todas elegantemente vestidas desfrutando de comida e bebida. Todos pareciam tão felizes, *juntos*, e tentei por um momento me encaixar nas fotos que passava, mas não consegui. Minha imaginação falhou. Não pude me colocar dentro daquelas fotos porque não tinha mais família, nem muitos amigos para falar.

Eu estava sozinha.

Este foi meu primeiro Natal sem vovó. Mesmo que sempre tivéssemos sido apenas nós duas, ainda nos sentíamos como uma família completa. Eu acho que era o risco de ter apenas uma pessoa, se você a perde, está sozinho.

Pelo menos eu ainda tinha música. Isso também foi um presente da vovó. Ela me ensinou a letra das canções tradicionais irlandesas desde jovem e me encorajou a erguer minha voz e cantar um apelo para seus amigos quando eles viessem visitar a casa.

Ultimamente, eu tinha começado a entrar em um buraquinho nas paredes dos pubs, aqueles sem música, onde velhos ficavam sentados em silêncio bebendo cerveja. Em lugares como aquele, as pessoas ouviam, mas não olhavam para você nem faziam barulho. Eu queria seus ouvidos, não seus olhos.

Cantar era minha verdadeira paixão. Às vezes eu ia para a Grafton Street tarde da noite, jogava um chapéu no chão e cantava música após música. Frequentemente, eu ganhava mais dinheiro com uma hora de apresentação do que com um dia inteiro de limpeza no hotel. O problema é que eu estava constantemente lutando contra o medo do palco, especialmente durante o dia. Estava claro demais, com muitas pessoas prestando atenção. À noite, havia a segurança das trevas. A maioria das pessoas que passavam estava bêbada e eu me sentia muito mais confortável com pessoas bêbadas do que sóbrias. Eles ficavam satisfeitos facilmente...

Passei por outro restaurante, depois por outro, o som de risadas perseguindo meus passos. Esfregando a dor em meu peito, parei no final da rua, soltando um suspiro aguado e sentindo como se o frio tivesse endurecido mais do que apenas meus ossos.

Por instinto, entrei em um pequeno pub, principalmente para sair do frio e me afastar do som das festividades da véspera de Natal. Parecia um típico lugar com variedade de jardim. Mal iluminado e cheirando a cerveja, havia um longo balcão de madeira, mesas e bancos desordenados enfiados em cantos e fendas, coisas efêmeras dos últimos cem anos decorando as paredes e um punhado esparso de clientes cuidando de seus copos.

Mas enquanto eu estava no final do bar e olhava sem realmente ver o que estava ao redor, eu senti uma música mexer dentro de mim, obstruindo minha garganta enquanto eu lutava contra a compulsão de deixá-la sair. Talvez fosse porque eu estava tão cansada, ou talvez simplesmente porque senti falta da minha avó no Natal e queria - só por um momento - me sentir perto dela novamente, mas fechei os olhos e deixei minha voz assumir.

Eu sentei dentro do vale verde

Sentei-me com meu verdadeiro amor.

Meu coração triste pressionou entre os dois

O antigo amor e o novo amor...

A solidão e a melancolia deixaram meu corpo enquanto cantava. Estava na superfície da letra, um passageiro invisível fluindo para a sala para quem quer que estivesse lá para ouvir. Peguei a perda expressa na música e a fundei com a minha.

Enquanto estava triste, eu beijei suas lágrimas

Meus braços afetuosos ao redor dela.

O tiro do inimigo explodiu em nossos ouvidos

De fora do zumbido da floresta selvagem.

Uma bala perfurou o lado do meu verdadeiro amor

Na juventude da vida tão cedo.

E no meu peito com sangue ela morreu

Enquanto os ventos suaves sacudiam a cevada.

Fiquei em silêncio, a última nota ecoando no silêncio e em mim. Algumas pessoas aplaudiram, me trazendo de volta ao presente. Exalando pesadamente, senti a catarse familiar, a liberação, e com ela também veio a paz. Os sentimentos cresceram dentro de mim até que eu não tive outra escolha a não ser deixá-los sair através da música.

E agora estava feito, eu me virei para sair. Mas o barman gritou: — Ei, minha jovem. Qual é o seu veneno?

Eu olhei para ele. — Perdão?

— Uma apresentação como essa merece uma bebida grátis. — disse ele com um sorriso amável, apontando para onde ele estava no final do

bar, ambas as mãos espalmadas na superfície. Sua barba grisalha me fez pensar em Papai Noel.

— Guinness. — eu disse, chegando mais perto e finalmente puxando um banquinho para me sentar. Era a favorito da vovó. Eu não bebia com frequência, principalmente porque não tinha dinheiro para isso, mas o gosto da cerveja preta sempre me lembrava dela.

— Você tem uma bela voz para cantar. — disse o barman como se fosse um fato. — Feliz Natal.

— Obrigada. — eu sussurrei.

Ele acenou com a cabeça e foi pegar um copo, sem perceber o quanto a pequena gentileza significava para mim. Senti uma lágrima tentar sair, mas puxei de volta. A última coisa que alguém precisava era a triste visão de mim chorando dentro do copo cerveja.

Com o canto do olho percebi um movimento e meu olhar subiu. Um homem se aproximou e eu fiquei surpresa. Ele parecia quase exatamente com aquele ator que interpretou Luke Cage no programa de super-heróis da Marvel, da Netflix, de mesmo nome. Exceto - eu observei, estudando-o enquanto ele se sentava no banquinho ao lado do meu - ele não era tão largo. Mas ele era alto, bonito e tinha *presença.*

— Como se chama? — ele perguntou, como se estivéssemos no meio de uma conversa, seus atraentes olhos castanhos calorosos e interessados.

E eu percebi que estava olhando.

Desviando meus olhos, pisquei várias vezes e limpei minha garganta antes que pudesse encontrar minha voz. — Como se chama...?

— A música. — ele disse suavemente.

Eu fiz uma careta, olhando agora para um arranhão na superfície da barra de madeira brilhante. — Você nunca ouviu “The Wind That Shakes the Barley” antes?

O barman voltou com minha Guinness, colocando-a na minha frente, uma boa e adequada polegada de espuma cobrindo a cerveja preta forte. Eu balancei a cabeça em agradecimento e o homem partiu novamente.

Enquanto isso, a estrela de cinema próxima do meu cotovelo não disse nada. Eu cedi ao desejo de olhar para ele novamente e descobri não só que ele era tão incrivelmente bonito quanto eu pensava, mas ele estava me estudando descaradamente, seus lábios se curvando em um pequeno sorriso quando nossos olhares se encontraram. — A menos que você não possa dizer... — seu sorriso se espalhou, mostrando-me um pouco de dentes brancos e perfeitos — ...eu não sou daqui.

Eu definitivamente poderia dizer. Por um lado, havia o sotaque, e por outro, ele se mantinha de uma forma confiante que gritava *mundana.* Este pub não era seu local, isso era certo.

— Americano? — Eu perguntei, levantando meu copo.

Ele acenou com a cabeça, acompanhando o progresso da minha cerveja enquanto eu tomava um gole. — Nova York. Estou aqui a trabalho, mas volto amanhã.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Amanhã? Você planeja viajar no Natal?

— Sim.

— Fazendo alguns passeios turísticos? Tudo estará fechado.

— Não. — ele disse facilmente. Ele apoiou o cotovelo no bar, como se estivesse se acomodando por um tempo, e continuou sua leitura em mim. — Estou voando para casa.

Agora eu olhei para ele, porque suas palavras não faziam sentido. — Como você vai administrar isso?

Seu sorriso voltou e ele disse gentilmente: — Bem, veja agora, existem essas engenhocas chamadas aviões. E quando...

— Não. — Eu ri, balançando minha cabeça em sua provocação. E então continuei sacudindo a cabeça com a estranheza da situação - sentada em um bar, na véspera de Natal, sendo provocada pelo sósia de Luke Cage. *Talvez eu esteja em um dos meus sonhos? NÃO ACORDE!*

— Quer dizer, não há voos saindo ou entrando em Dublin no dia de Natal. — expliquei, me virando para encará-lo de maneira mais completa. — Nunca houve. Espero que alguém não tenha lhe vendido uma ponte para o Brooklyn.

— Ah. Entendo. — Agora ele piscou, seus olhos cortando e voltando-se para dentro. — Eu... uhh... bem... — a cabeça do homem misterioso se movia para frente e para trás, como se ele estivesse pensando sobre as coisas, debatendo o que dizer. — Estou saindo amanhã, mas não do Aeroporto de Dublin. — Abruptamente, ele franziu a testa e pareceu se sacudir um pouco antes de levantar os olhos para os meus novamente.

Ele me observou, e eu o observei, e meu estômago deu uma pequena vibração. Seus olhos me distraíam muito, então eu poderia ser perdoada por falar sem verificar em meu cérebro quando soltei: — Como um pássaro.

— Perdão?

— Você. Você é um pássaro voando sem avião. — Por razões desconhecidas, acenei minha mão na nossa frente e então, porque uma parte muito inteligente de mim agora estava prestando atenção, parei de falar, engolindo minha Guinness. Enquanto engolia em seco, procurei

um tópico inofensivo para discutir, meio que esperando que ele se desculpasse e me deixasse com minhas acusações de pássaros.

Mas ele não se mexeu. Quando coloquei minha cerveja na mesa - agora pela metade - olhei para ele. Novamente ele estava me observando, seus olhos ainda calorosos e interessados.

Hã.

— Você… — ele começou.

— E como… — eu comecei.

Nós dois paramos ao mesmo tempo, compartilhando um pequeno sorriso e uma risada. Meu Deus, ele realmente era excessivamente bonito, especialmente quando ria. Seu sorriso, mais o timbre baixo e profundo do som, fez com que meu estômago se agitasse.

Ele gesticulou para mim e disse: — Por favor. Você primeiro.

— Eu ia apenas perguntar, você gostou da sua estadia?

— Dublin é uma ótima cidade, mas esta não foi minha primeira visita. — Ele coçou o queixo. — Tenho alguns amigos aqui, então viajo muito para cá e para lá.

— Um jet setter[1], então.

Seu sorriso se aprofundou, persistiu e minha respiração ficou presa logo acima das minhas costelas.

Sim. Este é definitivamente um sonho.

— Sim, eu dou uma volta. A propósito, sou Broderick. — Ele estendeu a mão, seu olhar parecendo ficar mais investigativo, como se a revelação de seu nome pudesse significar algo para mim.

[1] Uma pessoa que viaja para vários lugares ao redor mundo

Meu olhar caiu para sua mão e eu olhei para ela por um momento, então finalmente apertei. — Um nome chique para um garoto chique. — eu disse, incapaz de ignorar o deslizamento quente de sua palma contra a minha, e como ele era quente e sólido. — Eu sou Ophelia. Prazer em conhecê-lo.

— Um nome bonito para uma voz bonita. — Ele continuou segurando minha mão, sem apertar, mas também não a soltou. — E é um prazer conhecê-la também.

— Você gostou da música?

— Me deu arrepios. — Sua voz caiu para quase um sussurro, o sorriso desaparecendo de seu rosto, substituído por um tipo áspero de sinceridade que *me* deu um arrepio.

Eu desviei o olhar, corando levemente, e ele imediatamente soltou minha mão, permitindo que eu voltasse para o bar. Eu não estava acostumada a elogios, não de estranhos, e definitivamente não de homens sofisticados aleatórios. Então, novamente, eu raramente ficava tempo suficiente depois de executar uma música para as pessoas me dizerem se gostaram.

— Você canta profissionalmente?

— É apenas um hobby.

— Um hobby. — Ele parecia incrédulo.

Limpei o polegar na condensação do copo da minha cerveja e soltei: — Não. Na verdade, é mais como uma compulsão.

— Uma compulsão para cantar? — Agora ele parecia intrigado.

— Se eu não... — Eu levantei minhas mãos, apontando para o meu peito. — Não consigo respirar, e isso pesa sobre mim, como usar cem casacos. É um peso, um fardo, mas também como um bloqueio. — Fiz

uma pausa para rir, franzindo o nariz para mim mesma e todo esse excesso de compartilhamento. Talvez tenha sido a Guinness. — Desculpe. — Eu olhei para ele. — Isso soa nojento.

— Não, eu entendi. — Ele se inclinou mais perto, sua expressão intensa e séria, tanto aliviando quanto prendendo um nó em meu peito. — Eu não canto, mas amo música. Eu amo ouvir, estar perto disso. Isso alimenta minha alma.

Novamente, nós compartilhamos um olhar e um momento de silêncio passou. De onde veio esse homem? Ele falava como se estivesse em um filme. Eu nunca conheci ninguém como ele antes. Talvez fosse uma coisa americana. Ele se expressou abertamente, sem qualquer constrangimento ou autodepreciação. E a maneira como ele olhou para mim, como se me conhecesse, ou estivesse esperando que eu o reconhecesse, era tudo muito... enervante.

— De qualquer forma. — ele continuou quando eu não falei, inclinando-se agora como se estivesse voltando a si mesmo. — Eu só queria dizer que gostei da sua música e acho você muito talentosa.

Eu soltei um suspiro. — É muito gentil da sua parte, mas existem muitos cantores por aí com vozes muito melhores do que eu. — Ugh, o que havia de errado comigo? Por que eu simplesmente não pude aceitar o elogio?

— Não se trata apenas de sua voz, — rebateu Broderick. — Os maiores cantores nem sempre são os melhores artistas. O mundo está cheio de cantores, mas os verdadeiros artistas são poucos e distantes entre si. A capacidade de se conectar com o público, transmitir emoção, fazer o mundo sentir as palavras - e mais do que apenas o significado por trás delas, mas viver a experiência - é o que os diferencia. Quando você cantou, eu senti sua perda. Eu senti a magnitude disso a seis metros de distância. Isso me comoveu.

Seu olhar caiu e ele colocou os pés no chão como se planejasse se levantar e ir embora. Uma onda de pânico - que este homem que parecia realmente entender como eu me sentia sobre a música pudesse simplesmente desaparecer - enviou uma onda de calor subindo pelo meu pescoço, meu queixo, bochechas e nariz.

Antes de entender bem a intenção de meus instintos, levantei primeiro, pondo-me de pé e gaguejando: — Obrigada. É bom saber que estou fazendo algo certo. Aqui, como um agradecimento, deixe-me pagar uma bebida para você. — Sentindo-me estranhamente sem fôlego, levantei meu dedo no ar, tentando chamar a atenção do barman. Não tinha dinheiro para gastar com bebidas em pubs, mas era a primeira vez em muito tempo que a realidade chegava perto de ser tão agradável quanto um dos meus devaneios. Eu queria desesperadamente que o momento durasse.

— Se alguém deveria pagar uma bebida para alguém, deveria ser eu. — Broderick cobriu minha mão erguida e a abaixou suavemente para o bar, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Normalmente, eu ficaria assustada se um estranho iniciasse o toque tão rapidamente, mas Broderick era incrivelmente genuíno. Eu tenho zero vibrações assustadoras.

Trazendo minha atenção de volta para ele, seus dedos se afastaram. — Mas é tarde e imagino que você tenha um lugar para estar.

Sentei-me no banquinho, contente por enquanto que ele não parecia inclinado a partir em breve. Meu alívio me fez falar sem pensar. — Na verdade não. Eu não tenho nenhum lugar para estar.

Ele franziu a testa, um lampejo de confusão - ou talvez preocupação? - por trás de seu olhar. — Sério? Nenhum lugar para estar na véspera de Natal?

Uma risada leve escapou de meus lábios e eu dei de ombros, pegando uma base para copos de papelão, mexendo nas bordas e me

sentindo repentinamente constrangida. E boba. Talvez eu devesse ter deixado ele sair. *O que você está fazendo? Vá para casa. Durma um pouco. Este é um sonho e os sonhos nunca duram.*

Alguns segundos se passaram enquanto eu vasculhava meu cérebro em algum tópico que nos colocaria de volta nos trilhos.

Mas então, Broderick perguntou: — Você já se apresentou no palco?

Eu balancei minha cabeça, aliviada com a mudança de assunto. — Pequenos pubs escuros são tudo o que minha confiança permite quando se trata de apresentações. — Olhei para ele novamente, revirei os olhos para mim mesma e expliquei: — Tenho medo de palco.

Ele não pareceu surpreso ao ouvir isso, levando na esportiva. — Eu conheci algumas pessoas com medo do palco. Pode ser superado se você trabalhar nisso.

— Talvez. — eu respondi, perturbada por seu escrutínio enquanto tomava outro gole da minha cerveja. Eu não estava acostumada a falar sobre o meu canto como se fosse algo que eu pudesse realmente fazer em vez de limpar quartos de hotel para viver. Isso me fez sentir estranhamente assustada e animada.

E ainda assim, eu não queria me permitir ter muitas esperanças. Claro, eu sonhei acordada, mas ainda havia uma parte lógica de mim que sabia que era só isso. Um sonho. Isso nunca seria real.

Olhei para as garrafas nas prateleiras atrás do bar e senti Broderick estudando meu perfil. Algo em sua atenção agora fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. A leve vibração anterior em meu estômago tornou-se um zumbido. Parecia que já faz muito tempo que alguém realmente olhou para mim.

— Então, como você chama esse tipo de música? — ele perguntou, mais uma vez quebrando o silêncio com sua maneira fácil.

— É uma balada tradicional irlandesa. Minha avó me ensinou muitas delas. Ela costumava cantar também antes de morrer. Se você acha que eu sou boa, você deveria tê-la ouvido. Não havia um olho seco na casa quando ela cantava. — Eu queria olhar para ele de novo, então olhei.

— Eu gostaria de tê-la ouvido. — disse ele, parecendo sincero.

Eu balancei a cabeça, engolindo em seco.

As sobrancelhas de Broderick se juntaram. Eu poderia dizer que ele percebeu que havia algo errado comigo. — Posso ir embora se estiver incomodando você. — disse ele. — Às vezes eu fico tão animado quando ouço música nov...

— Não, fique. — eu interrompi. — Não é você. Minha avó faleceu há poucos meses, então ainda fico um pouco emocionada quando falo sobre ela.

— Oh, *oh.* — Ele franziu a testa, seus lindos olhos ficando tristes. — Lamento ouvir isso, Ophelia.

Gostei da maneira como ele disse meu nome, a maneira como seu sotaque soou nas sílabas. Eu o senti olhando para mim novamente, mas tentei o meu melhor para não fazer contato visual porque havia algo realmente empático nele. Ele tinha aqueles olhos castanhos comoventes que podiam apenas olhar para você de uma certa maneira e trazer todos os seus sentimentos reprimidos à superfície. Então, antes que você percebesse, você estava chorando na frente de um estranho.

— Está tudo bem. — eu sussurrei. — Vovó me criou, então eu sinto muito a falta dela. — Ele não falou, mas em vez disso estendeu a mão e colocou sua mão na minha novamente. Como antes, parecia tão natural

e genuíno que nem me ocorreu retirar. — Vovó costumava tornar o Natal especial. — continuei. — Agora me sinto tão perdida sem ela. Sinto que todos têm aonde ir, exceto eu.

— Isso não é verdade. Há outros que não têm para onde ir.

Eu sabia que ele se referia a si mesmo, então perguntei: — E os seus amigos? Eles não convidaram você?

— Sim, eles convidaram. — Seu sorriso apareceu de novo. — Mas eu não estava com vontade de bater papo com estranhos no Natal da família. Não consegui nem fazer reserva em um bom restaurante porque deixei para o último minuto. E mesmo se eu tivesse conseguido, eu seria o cara triste no canto jantando sozinho.

Eu ri baixinho. — Ok, então eu não sou a única. Mas ainda é uma pena ficar sozinho.

Broderick me cutucou com o cotovelo, levantando uma sobrancelha. — Ei. Não sou o fantasma do Natal passado. Você não está sozinha.

Sentindo meu sorriso persistir, algum reflexo me fez cutucá-lo de volta. — Bem, então, nem você.



BRODERICK

— Aqui está. — Ophelia moveu o braço em um movimento amplo. — Este é o Saint Stephen's Green. Infelizmente, está fechado. Esqueci que eles trancam o parque à noite.

Olhei pelos portões para os arbustos e gramado - ou o que eu podia ver deles - e o caminho de cascalho. — Uau.

— Sim.

— É verde.

— Muito.

— Mesmo no escuro, no meio do inverno, é verde.

— De fato.

— Impressionante. — Eu inspecionei o perfil de Ophelia, acrescentando, — E apropriadamente nomeado. — completamente inexpressiva, ela lutou contra um sorriso. Ela lutou contra os sorrisos durante a maior parte de nossa aventura esta noite e ela não tinha rido desde que saímos do pub.

Terminando sua cerveja com os menores goles do mundo, ela se ofereceu para me levar para um passeio por sua cidade depois que eu admiti que nunca tinha saído para passear durante nenhuma de minhas visitas. Eu sei, coxo.

Agora, estava frio e escuro. Eu era um verdadeiro estranho para ela e éramos indiscutivelmente as únicas pessoas sóbrias nas ruas de Dublin, exceto pelo guitarrista tocando na rua em frente ao parque. Quem quer que fosse, ele era bom. Ela não parecia nem um

pouco desanimada pelo fato de eu ser um estranho, mas também não se permitiu um sorriso completo.

Interessante. Eu me perguntei se ela estava nervosa.

Essa mulher com olhos tristes tinha um sorriso que me lembrava a luz do sol espreitando através das nuvens de chuva, e uma risada tão melódica e atraente quanto sua voz cantante. Eu não fui dissuadido. Eu aliviaria seus medos. *Oh sim,* eu a faria rir. Antes que a noite acabasse, eu a deixaria sem fôlego, mesmo que tivesse que recorrer a histórias sobre a salada de batata de minha tia Clara.

— Eu gosto do nome, *Saint Stephen's Green.* — Eu me virei para encará-la. — E, pensando bem, gosto quando os lugares são nomeados literalmente, refletindo a localização.

Ela ergueu uma sobrancelha, colocando as mãos nos bolsos. — Por quê?

— Então não há surpresas. Veja o Central Park em Nova York. Sem surpresas aí. Você sabe o que esperar e que proporciona tanto a sua centralidade quanto seus arredores.

Um pequeno sorriso curvou sua boca para o lado, e eu olhei para seus lábios. Eles eram lindos lábios, rosados, cheios, um pouco carnudos e lufadas de ar brancas combinadas com suas palavras enquanto ela falava, — Sim. Às vezes, o nome pode prometer uma coisa, mas a realidade é muito diferente.

— Como onde? Me dê um exemplo.

— Como... — ela olhou por cima do meu ombro enquanto pensava sobre isso, o que significava que eu poderia estudar seu rosto bonito. Olhos inteligentes sob cílios escuros, rosto oval, bochechas rosadas, mechas loiras, cabelo encaracolado aparecendo por baixo do

chapéu de tricô e emoldurando seu rosto. *Sim. Não há como negar. Ela é extremamente bonita.*

Eu percebi no pub, ela era o tipo de linda que era impossível ignorar. Mas a riqueza e a qualidade emotiva de sua voz, e a tristeza palpável que carregava, eclipsaram quaisquer pensamentos sobre sua atratividade no momento.

— Como Bruxelas. — Ela se concentrou em mim novamente, levantando os ombros, me trazendo de volta ao presente. — Onde estão as couves de bruxelas? Se você for a um lugar chamado Bruxelas, acho que deveria estar coberto de couves de bruxelas. Certo?

Que idiota.

— Você já foi para Bruxelas? — Eu não iria lutar contra o meu sorriso, era muito bom e seu sotaque era adorável pra caralho. Eu poderia ouvir ela falar a noite toda.

Ophelia virou ligeiramente a cabeça, estreitando os olhos. — Não. Mas eu vi fotos e nenhuma couve de Bruxelas estava à vista. Publicidade falsa, se você me perguntar.

Sorrindo com sua idiotice, decidi de uma vez por todas que ela não tinha ideia de quem eu era. Ou, se ela sabia, ela não se importava. Eu não conseguia me lembrar da última vez que passei um tempo com alguém que não me conhecesse como Broderick Addams, produtor musical de estrelas do rock e da realeza do pop em vez de apenas Broderick, *um cara qualquer.*

Era bom ser apenas um cara de novo. Muito bom.

— Enfim. — Ophelia virou-se lentamente, seus passos sem pressa enquanto caminhava ao longo da calçada do parque, convidando-me a inclinar sua cabeça. — Eu sei para onde vou levá-lo a seguir, mas não temos muito tempo.

Alcançando-a, eu deixei meu braço roçar em seu ombro. Seu ombro então roçou no meu braço, e essa era minha versão de agir de forma irresponsável. Além do nosso aperto de mão inicial, cada toque depois disso tinha saído do meu normal. Eu não era muito bom em iniciar contato, especialmente com mulheres - qualquer mulher - que acabei de conhecer. Crescendo no Mississippi, perdi meu sotaque, mas nunca perdi minha consciência de onde vim e como era minha aparência.

O mundo me viu como um homem negro grande e assustador. Enquanto isso, aqui estou eu, comprando na Pottery Barn roupões de banho de pele falsa e toalhas de mesa. Havia poucas coisas na vida que eu gostava mais do que uma mesa bem posta. Adicione velas e um arranjo central e eu estava no céu. Vou sentar à mesa e comer comida de merda se tiver um guardanapo em um anel de prata, sem mentira. Não me fale sobre Martha Stewart Living, pornografia doméstica no seu melhor.

— Para onde você está me levando? — Eu perguntei, não me afastando do calor sutil de seu corpo. Na verdade, cheguei mais perto, meu braço roçando seu ombro novamente. Eu deveria ter me afastado. Eu faria, mas ainda não.

— Você vai descobrir quando chegarmos lá. — Ela tirou a mão do bolso, hesitou por um segundo e depois deslizou os dedos na dobra do meu cotovelo.

Ophelia não usava luvas. Ela provavelmente estava com frio. Eu não queria que ela sentisse frio. Eu cobri sua mão com a minha. *Ei, ei, ei, não me olhe assim.* Apenas sendo um cavalheiro aqui.

Certo.

Como cada toque anterior, isso me perturbou. No entanto, também parecia perfeitamente natural. Uma mulher adorável com a voz de uma sereia cantando, um senso de humor bobo e uma porra de sotaque adorável queria segurar meu braço e andar mais perto em uma noite fria e clara em uma bela cidade antiga? Pegue meu braço.

Eu queria ouvi-la falar novamente, então perguntei: — Você é originalmente de Dublin?

— Está certo. — disse ela, e soou como, *estar certo,* onde a palavra *certo* tinha um pouco mais de ar no final do que como nós, americanos, quando dizemos a palavra, uma cadência legal para o 'o'.

— Você já quis morar em outro lugar?

— Vamos ver... — Ela colocou o dedo indicador no queixo, torcendo os lábios. — Talvez não morar, mas sempre quis ir para Fiji.

— Fiji? O que há em Fiji?

— Lindas praias de areia, clima quente, mergulho - não que eu saiba nadar - piñas coladas, uma rede. — Seus olhos perderam o foco enquanto ela me contava sua lista, e então ela riu levemente. — Eu teria que tomar um banho de protetor solar, no entanto. Caso contrário, queimaria até ficar crocante. — As palavras eram autodepreciativas. — Sim. — acrescentou ela calmamente, — Talvez não Fiji.

Seu tom oprimido me fez franzir a testa. — Sim, Fiji. — Minha declaração firme atraiu seus olhos. — Você quer ir para Fiji? Vá para Fiji.

Seu sorriso foi um flash – estava lá, e então se foi - ela olhou para frente novamente. — Bem. Então talvez eu vá.

— Boa.

— Boa. — O sorriso voltou a seus lábios e olhos, e a linda Ophelia de repente se tornou a deslumbrante Ophelia, o que me fez engolir uma oferta para levar ela para comprar seu biquíni para Fiji.

A mulher não precisava de nada disso e eu não precisava de complicações. A verdade era que eu não deveria estar com ela agora. Eu ainda deveria estar naquele pequeno pub na South Anne Street, sozinho. Sempre passei o Natal sozinho por escolha. Eu nunca quis estar

com ninguém além de mim mesmo, meus pensamentos e minhas memórias.

Mas havia algo sobre ela que me atraiu, que fez minha escolha para esta noite parecer solitária em vez de apenas sozinho.

— E quanto a você?

— Uh... — Eu fiz uma careta. — E eu, o quê?

— Se você pudesse ir a qualquer lugar, para onde iria?

O passado.

Eu respirei uma risada, interrompendo um sorriso amargo. — Oh, eu não sei. — Meus olhos se moveram das luzes cintilantes de Natal alinhadas no parque para o homem tocando violão agora a apenas cem metros ou mais de distância, cercado por um grupo de espectadores de tamanho decente, apesar do horário. — Sempre quis andar no Expresso do Oriente.

— Ha! Não seria incrível? — Seu braço apertou o meu e ela pulou uma vez, girando para me encarar, nossos braços ainda ligados. — Que ideia gloriosa. Eu me pergunto se eles funcionam durante o Natal.

— Sim, eles funcionam. — Eu nunca fui, nunca tive a ocasião, mas eu pesquisei.

Os trens eram meu meio de transporte favorito. Carros-restaurante de primeira classe colocam as melhores mesas. Pitoresco. Madeira escura, tapetes turcos, toalhas de mesa de linho branco, cristal, prata e guardanapos dobrados como cisnes. O problema era que viajar sozinho de trem era como assistir a um jogo de beisebol sozinho. Metade da diversão é falar sobre isso.

A risada baixa de Ophelia me fez olhar para ela. — O que? O que é foi? — Eu finalmente a fiz rir e não tinha ideia do porquê.

— Oh nada. — Ela balançou a cabeça, rindo novamente. — Eu estava pensando, se estivéssemos em um filme, esta seria a parte da história em que você sugeriria - se nós dois estivermos sozinhos no próximo Natal - nos encontrarmos no Expresso do Oriente.

— Ou você pode sugerir. — *O que é que foi isso? Por que eu soei assim?* Minha voz estava profunda. Tipo, Barry White.

— Ha-ha. — Ela revirou os olhos, usando nossos braços dados para me puxar para frente enquanto sussurrava: — Ei, vamos parar por um momento, apenas até ele terminar. Ele é muito bom.

Eu concordei, então não disse nada, deixando Ophelia nos fazer parar no fundo da multidão. Não importava muito. Eu era quase quinze centímetros mais alto do que todo mundo, então podia ver muito bem. O problema dos irlandeses é que - além de seus jogadores de rúgbi - eles são um povo pequeno.

Veja Ed Sheeran, por exemplo: grande talento. Além disso, pode ser um leprechaun. E Bono, ele tem tamanho divertido. Aposto que não sabia que ele tem apenas 1,68. Esse cara, o que estava tocando agora, também não parecia ter mais do que 1,70

Eu enrijeci, finalmente reconhecendo quem estava se apresentando no meio da noite no meio de Dublin e exalei um suspiro de descrença junto com um: — Puta merda.

Ophelia se aproximou e eu olhei para ela.

Ela estava lutando contra outro sorriso, inclinando-se para sussurrar: — Certo? E eu acho que esses outros caras estão bêbados demais para perceber quem está tocando para eles. Malditos idiotas.

Havia riso em sua voz, e eu também ri, mas depois enrijeci novamente, abaixando minha cabeça por instinto. Se ele me visse, nosso famoso artista definitivamente me reconheceria. Eu não queria que isso

acontecesse na frente de Ophelia. Eu ainda era apenas *um cara.* Talvez nunca mais veria Ophelia depois desta noite, mas temos esta noite. Eu não estava pronto para ser Broderick Addams para ela ainda.

Só por esta noite.

— É aqui que você ia me levar? — Usei sua estatura de pequena como desculpa para me curvar.

— Não. — Ela voltou os olhos arregalados para mim. — Mas você quer ficar e ouvir?

— Não. Posso ouvir esse cara no Spotify sempre que eu quiser. — Fiz um gesto com a cabeça em direção à calçada, mesmo quando me virei. — Vamos indo.

Ela me seguiu e rapidamente assumiu a liderança, deslizando a mão pelo meu braço para capturar meus dedos enquanto atravessávamos a rua.

— É só subir por aqui, não muito longe.

Estudando nossas mãos, perguntei: — Para onde estamos indo?

— É uma surpresa.

— E está aberto?

— Sim.

— Na véspera de Natal? À meia-noite?

Ela riu de novo, como se algo nas minhas palavras fosse especialmente engraçado, me enviando um olhar. — Oh sim, está aberto.

— Você pode me dar uma dica?

— Hum. — Ela pressionou o dedo no queixo novamente, obviamente debatendo como responder. — Que tal, haverá canto.

— Um clube?

— Nãão. — Ela estremeceu, envolvendo seu braço em volta da cintura e se aproximando de mim enquanto seus dentes batiam. — Não é um clube.

Sem parar para pensar, o instinto me fez envolver um braço em volta dos ombros dela e puxá-la para perto.

O que? Ela estava com frio, certo? O que eu deveria fazer? Deixá-la congelar até a morte? Não. O braço em volta dos ombros dela e trazer seu corpo para o meu era tudo sobre compartilhar calor. É isso aí. De qualquer forma, ela não pareceu se importar. Ophelia se aconchegou ao meu lado, seu braço envolvendo minha cintura como se tivéssemos feito isso uma centena de vezes.

Éramos estranhos. Deveria ter sido estranho. Não foi.

— Estamos quase lá. — Ela olhou para mim, seus olhos brilhando e animados enquanto baixavam para os meus lábios. — Acho que você vai gostar disso.

— Você acha? — Murmurei, quase acrescentando: *Bem, você saberia.* Mas eu não fiz, porque isso seria loucura - embora eu tenha pensado nisso e meu subconsciente aparentemente acreditasse.

No momento seguinte, ela estava me guiando escada acima e percebi assim que a música atingiu meus ouvidos onde estávamos. Bem, talvez não especificamente onde estávamos. Em vez disso, em que tipo de lugar estávamos.

Enviando-lhe um olhar enquanto ela se afastava do meu aperto, ela segurou meus olhos por um longo momento, mergulhando os dedos na água à direita da porta interna. Ela então se benzeu. Ophelia me levou para o banco bem no fundo da igreja, um sorriso brincando em seus

lábios enquanto ela erguia sua própria voz para se juntar ao coro na frente em sua assombrosamente bela interpretação de '"Silent Night".

Ela estava certa. Eu gostei disso. Muito.

Por um momento, olhei para o nosso entorno enquanto a música preenchia os espaços ao redor e dentro de nós. Fiquei surpreso com toda a cor, principalmente nas paredes superiores. Afrescos vibrantes e gigantes em alto contraste foram pintados sob as janelas em arco. O teto era branco ou bege, impossível dizer sem a luz do dia, e vinhas verdes haviam sido pintadas entre as vigas, estendendo-se da parte de trás da igreja até o altar.

Visualmente, era mais alto, a arte menos silenciosa, mas não menos ostentosa do que as igrejas católicas que visitei em toda a Europa. Mas decidi que gostava mais daqui do que do dourado de São Pedro, tons pastéis e mármore branco.

Depois de "Silent Night" veio "Noel", então um hino que eu nunca tinha ouvido antes.

Deslizando meu braço em volta da cintura de Ophelia, inclinei-me para seu ouvido e sussurrei: — Que música é essa?

— "In the Bleak Midwinter". — ela sussurrou de volta, e eu não perdi a maneira como ela se inclinou para mim, ficando parada em vez de se afastar depois de responder à minha pergunta.

Eu também não disse o que estava em minha mente, que era algo como, *é claro que os irlandeses têm uma canção de natal com a palavra desolador.* Nem cantei. Cantar não era um dos meus presentes para dar. Em vez disso, ouvi o coro, os frequentadores da igreja que nos rodeavam na missa da meia-noite com o suave acompanhamento de um órgão. Mas principalmente, eu escutei a voz poderosa - em todos os sentidos - perto de mim e tentei me ancorar.

Eu não pude. Ela me arrebatou. As bordas da realidade borraram, e ela não era uma estranha. Eu a conhecia. Nós tínhamos nos encontrado antes, tantas vezes, e estávamos onde pertencíamos - que era juntos, em qualquer lugar, para sempre agora.

Em algum momento, a cantoria parou e nos sentamos, meu braço ao longo da parte de trás do banco, Ophelia dobrada contra o meu lado. As leituras foram lidas e ainda assim permanecemos próximos. Mas quando a congregação se levantou mais uma vez, ela inclinou a cabeça para trás e murmurou: *Vamos.*

Permitindo que ela me conduzisse de volta para a noite, a porta se fechou atrás de nós, fechando o calor e a música, mas nos deixando juntos, agora.

Me dando um sorriso por cima do ombro, ela continuou segurando minha mão enquanto descia os degraus. — Então, você gostou?

Sua voz estava rouca com o uso e eu gostei dessa nova qualidade nela. Na verdade, eu mais do que gostei. Isso enviou meu sangue zumbindo para os quatro - ou cinco - cantos do meu corpo, quentes e grossos.

Eu a queria perto de novo, então eu a parei no último degrau, com a intenção de simplesmente colocá-la debaixo do meu braço novamente. Mas não foi isso que eu fiz.

Ophelia se virou para mim, um sorriso questionador nos lábios e a luz de uma felicidade inebriante por trás de seus olhos verdes. Ela olhou para mim e acho que leu minha mente, porque seu sorriso sumiu rapidamente.

Mas não a felicidade. Não. A felicidade permaneceu, misturada com antecipação.

Sua respiração mudou e ela lambeu os lábios, dando um passo arrastado para frente, seus cílios tremulando até que seu olhar baixou para a minha boca.

Minhas palmas deslizaram contra sua mandíbula, a pele macia e quente de suas bochechas, inclinei sua cabeça para trás. E eu a beijei.

Aquela sensação, aquela mesma sensação de antes, quando a ouvi cantar pela primeira vez - como se meu coração tivesse sido dominado por uma realidade grande demais para ser contida - me prendeu. Ela era quente - seus lábios, sua língua - e dócil, mas não incerta.

Eu alisei a mão pela lateral de suas costas, encorajando-a a entrar mais completamente no meu espaço. Ela fez.

Enfiei meus dedos em seu chapéu, empurrando-o de sua cabeça, encontrando seus cachos emaranhados enquanto ela passava os braços em volta do meu pescoço, chupando minha língua, me deixando ainda mais louco com o gosto e a sensação dela.

Manter uma companhia amigável em uma véspera de Natal solitária era uma coisa, mas isso não era mais algo tão simples ou inofensivo. Eu a queria e não estava pensando. Eu a queria e, se ela me quisesse, a ganância interior dizia que não existia nenhuma razão para não podermos ter um ao outro.

— Onde... — Eu me afastei para dizer a palavra, mas não por muito tempo, querendo – *precisando* – provar dela novamente antes de terminar a pergunta. — Onde você mora? — Baixei meus lábios para seu queixo, mandíbula, pescoço, mordendo e sacudindo a pele com minha língua. — Você está perto?

— Sim. Muito perto. — Se esticando para me dar melhor acesso e praticamente escalando meu corpo, suas unhas cravaram em meus ombros através da espessa camada de minha jaqueta. Sua respiração

engatou, suas mãos agarraram punhados frustrados do meu casaco. — Por favor. Por favor, venha.

— Absolutamente. — eu rosnei contra sua pele, minhas mãos deslizando para seu traseiro, pressionando-a com mais firmeza contra mim. Eu queria que ela soubesse e sentisse exatamente o que estava em minha mente.

Ophelia engasgou de novo, mas ela não se afastou, em vez disso procurou minha boca para outro beijo quente, acabando com qualquer parte do meu bom senso restante.

Afinal, era Natal. E eu estava tão, tão, *tão* bem este ano.

Até agora.

03

OPHELIA

— Então, é aqui que você mora? — Broderick perguntou, olhando para cima e para baixo na rua escura.

— Sim, desculpe, eu sei que a área é um pouco duvidosa. — Eu abaixei minha cabeça.

— Ei. — ele sussurrou, colocando os dedos no meu queixo. Eu trouxe meus olhos para os dele e seu olhar era intenso, como se ele estivesse lendo minha mente. — Não é o que eu quis dizer.

Eu abri minha boca para dizer algo, mas as palavras me falharam. A maneira como ele falou fez os minúsculos cabelos da minha nuca se arrepiarem. Estar sozinha com ele, a energia ao nosso redor havia aumentado e agora parecia elétrica. Todos os meus sentidos foram intensificados.

— O... ok. — eu finalmente sussurrei de volta.

Tudo estava quieto quando nos aproximamos de minha casa. Seria um eufemismo dizer que estava nervosa por ele ver o lugar. Agora que a onda de seus beijos tinha diminuído, eu estava começando a duvidar da minha decisão de convidá-lo. Felizmente, era tarde e véspera de Natal, então a maioria dos meus colegas de casa provavelmente estaria na cama ou com suas famílias. Talvez eu pudesse fingir que só compartilho com três ou quatro pessoas em vez de doze.

Broderick ficou em silêncio enquanto eu mexia na minha bolsa para pegar a chave. Eu abri a porta e entrei. O aroma de muitos jantares sendo preparados na mesma cozinha imediatamente atingiu meu

nariz. Em seguida, o leve cheiro subjacente de mofo. Eu arrisquei uma espiada em Broderick enquanto ele absorvia tudo.

Qual era o meu plano de novo? Levá-lo para casa e...?

Mesmo que ele não tenha percebido o cheiro, ele definitivamente viu o corredor apertado onde uma série de pertences dos meus colegas de casa estavam espalhados ao acaso. Várias bicicletas encostadas na parede ao lado de sapatos, botas, casacos e todos os tipos de itens pessoais. As paredes eram pintadas de amarelo claro, com manchas úmidas marcando o teto. *Ainda bem que a luz da entrada está queimada.*

Nas últimas semanas, meus olhos se adaptaram à bagunça, mas agora eu estava vendo tudo de novo através dos olhos de Broderick e isso me deu uma estranha pontada de vergonha e constrangimento. Aposto que ele mora em algum apartamento de plano aberto chique no Soho. Ou um bairro descolado e moderno no Brooklyn. Em algum lugar distante de minha situação.

A luz da cozinha brilhou no corredor e parecia que uma das minhas colegas de casa estava com alguns amigos. *Maravilhoso.* Uma risada masculina ruidosa soou e eu olhei para Broderick novamente. Suas sobrancelhas estavam arqueadas, seus lábios uma linha fina e reta. Não consegui decifrar o que ele estava pensando. Ele estava me julgando? Com pena de mim? Tentando arranjar uma desculpa para ir embora? Para ser honesta, eu não o culparia.

— Quantas pessoas vivem aqui? — ele perguntou após um trecho de silêncio.

— Algumas. — respondi evasivamente e agarrei sua mão para puxá-lo para a sala. Fiz um gesto para ele se sentar, mas ele não parecia muito interessado. O sofá estava velho e comido por traças, buracos de cigarro queimados no braço. Latas de cerveja vazias estavam espalhadas pela mesa de centro, assim como alguns copos e pratos sujos.

Ele provavelmente pensa que esta é uma toca de crack.

Por que diabos eu o convidei para vir aqui? Algo ocorreu quando ele me beijou do lado de fora da igreja. Eu queria mais. Eu queria uma noite em que pudesse simplesmente esquecer minha vida e me perder em outra pessoa, alguém que morasse muito, muito longe e que provavelmente nunca mais veria. Apenas uma noite em que realidade e fantasia eram iguais.

— O que constitui algumas? — Broderick continuou, sem desistir de seu questionamento. Ele finalmente se sentou e eu fiquei ao lado da mesa de centro, nervosa. Isso não estava acontecendo como eu imaginava. Ele me encarou, seu olhar determinado, não me deixando espaço para mudar de assunto.

— Doze? — Eu respondi, o coração batendo forte, as bochechas aquecendo. Por que eu estava tão envergonhada? Esse cara era um estranho. Eu não precisava me preocupar com a opinião dele sobre mim, mas por algum motivo, sim. Eu me importava imensamente.

Ele piscou e eu vi a surpresa passar por seus olhos antes que ele controlasse sua expressão. — Quantos quartos têm?

— Três. — eu respondi honestamente. Não era como se contar a verdade pudesse me fazer mal. Eu era uma criatura interessante, alguém para distraí-lo antes que ele entrasse em um avião e voltasse para a vida extravagante que ele levava.

— É muita gente para apenas três quartos. — ele continuou, sua atenção indo para a conversa que vinha da cozinha. — Eles são todos amigos seus da faculdade ou algo assim?

— Não. Eu não fui para a faculdade. E não somos exatamente amigos. Todos nós apenas vivemos aqui. Eu fico fora do caminho deles e eles ficam fora do meu.

A expressão de Broderick mostrou uma pitada de consternação. Ele se inclinou para frente, os cotovelos sobre os joelhos enquanto esfregava as têmporas. — Mas você os conhece, certo? Por favor, me diga que eles são, pelo menos, pessoas decentes para o bem da minha sanidade.

Eu mordi meu lábio, querendo mentir para fazê-lo se sentir melhor, mas eu disse a verdade até agora, então por que parar agora? — Eu sei os nomes deles, mas só isso. — Eu o encarei por um momento. Minha resposta não pareceu tranquilizá-lo. Na verdade, parecia fazer o oposto.

Aaaaa agora me senti na defensiva. *Grrr.* Não era da conta dele onde eu morava. Éramos estranhos que decidimos por um capricho passar a véspera de Natal juntos. Ele não precisava se preocupar comigo. Eu poderia ser assassinada na minha cama amanhã e isso não o afetaria nem um pouco. — É tudo que posso pagar e é mais seguro do que dormir na rua, que é minha única outra opção, então...

— *Ophelia.* — Ele disse meu nome como se eu o fizesse se sentir indignado e impotente. Algo sobre isso fez com que uma onda inesperada de emoção me percorresse.

— Não se preocupe comigo. — eu funguei. — Eu vou ficar bem. Isso é apenas temporário. Assim que eu tiver dinheiro suficiente guardado, vou conseguir uma casa para mim. Estou pensando em me mudar para uma ou duas horas longe do trabalho. Os aluguéis são muito mais baratos fora da capital.

Ele me ouviu falar e um lampejo de algo apareceu por trás de seus olhos castanhos. Ele abriu a boca, prestes a dizer algo, quando a porta da sala foi aberta. Um dos meus colegas de casa entrou, com os olhos turvos e os pés vacilantes. Ele olhou de mim para Broderick, uma lata de cerveja na mão. Imaginei que ele e seus amigos eram os responsáveis pelas latas vazias espalhadas por toda a sala.

— Amelia! — ele disse, alto e desagradável. — Feliz Natal!

Broderick olhou para mim, sobrancelha levantada enquanto balbuciava, *Amelia?*

Eu balancei minha cabeça, olhando para meu colega de quarto, cujo nome era Mikael. — É Ophelia, lembra? E Feliz Natal para você também. Você sabe a que horas seus amigos irão embora?

Ele encolheu os ombros. — Eu não sei. Quando a bebida acabar, provavelmente. — Ele se jogou no sofá ao lado de Broderick e puxou um maço de cigarros do bolso, acendendo um. Mikael estava bêbado demais para perceber o quão rude estava sendo.

— Então, eu não conheço você de algum lugar? — ele perguntou, voltando sua atenção para Broderick, que parecia estar decidindo se consideraria a questão. Antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa, os amigos de Mikael irromperam na sala, um feixe de energia masculina bêbada e barulhenta.

Broderick encontrou meu olhar e tivemos uma espécie de conversa silenciosa.

Quer sair daqui? Seus olhos perguntaram.

Sim, por favor. O meu respondeu antes que eu pudesse detê-los.

Ele se levantou do sofá, estendendo a mão. Eu peguei e ele me levou para o corredor. Mikael e companhia mal registraram nossa saída. Broderick assumiu o comando, levando-me escada acima. Tive um momento de pânico, pensando que ele estava indo na direção dos quartos para terminar o que começamos fora da igreja, mas então ele me surpreendeu quando disse: — Arrume suas coisas.

Minha sobrancelha franziu. — O que? Por quê?

— Eu tenho um apartamento aqui.

— Você tem um apartamento *aqui?*

— Uh, apenas um que eu tenho alugado. Eu deveria ficar por algumas semanas, mas os negócios em casa interromperam minha visita. O aluguel já está pago e eu não estarei aqui, então pode muito bem ter algum uso.

Eu o estudei, tentando descobrir se entendi corretamente. — Deixe-me ver se entendi. Quer me deixar ficar no seu apartamento de graça? Mas você nem me conhece.

Ele inclinou a cabeça, seus olhos vagando do meu queixo às minhas bochechas. — Eu sei o suficiente.

Baixei meu olhar para o chão. — Você deveria apenas obter um reembolso. Eu poderia ser qualquer um. Eu poderia ser uma maníaca que vai destruir o lugar e deixar você pagando a conta dos reparos.

Ele deu uma risada baixa. — Tenho certeza de que você não é uma maníaca, Ophelia. Além disso, o aluguel já está pago e não é reembolsável. Então, ou você se muda ou o apartamento fica vazio. Eu sei qual eu prefiro.

Eu inalei bruscamente. Isso parecia bom demais para ser verdade. Parecia um dos sonhos que eu tinha enquanto esfregava banheiros e trocava os lençóis sujos no hotel. Um estranho americano misteriosamente bonito que conheci em um bar me oferece um lugar para morar sem pagar aluguel. Um lugar só para mim. Quer dizer, tinha que haver um problema. Mas enquanto eu olhava para os olhos honestos de Broderick, tudo o que vi foi um gesto amável de humano para humano.

Depois de compartilhar com tantas outras pessoas, a perspectiva de ficar sozinha, verdadeiramente sozinha, parecia o paraíso. Por que ele estava fazendo isso? Eu não era ninguém para ele. A emoção cresceu dentro de mim, uma mistura de gratidão e alívio. Uma lágrima ameaçou vazar, mas eu puxei de volta, minha mente ainda não estava decidida.

Mas então ele disse: — Pense nisso como um presente de Natal. Feliz Natal.

— Broderick...

— Você vai recusar um presente de Natal? Isso é grosseiro.

Isso me fez rir, e antes que eu percebesse que estava falando, disse: — Tudo bem. Está bem então.

— Bom, — ele acenou com a cabeça, parecendo feliz. Talvez apenas tenha deixado sua consciência limpa saber que eu estava em um lugar que ele considerava seguro. A garota que ele conheceu, beijou e se preocupou por uma noite ficaria bem, pelo menos por um tempo. Tarefa concluída. Boa ação concluída.

— Agora vá fazer as malas. — ele pediu. — Certifique-se de não esquecer de nada.

Ele me enxotou para o meu quarto, e eu rapidamente enfiei meus poucos pertences em uma grande mochila enquanto tentava não acordar meus colegas adormecidos. Quando reapareci quinze minutos depois, Broderick olhou por cima de seu telefone, seus olhos indo de mim para minha bolsa.

— Pedi um táxi para nós. Deve chegar em um ou dois minutos.

Um nó se formou em minha garganta. Eu ainda não tinha conseguido controlar minhas emoções. Na verdade, só piorou enquanto fiz as malas e percebi o quão pouco eu tinha. Não havia nada como ser capaz de colocar tudo o que você possuía no mundo em uma única mochila para fazer você se sentir pequena e sem importância.

Saímos para a noite gelada e eu me senti tímida de repente. Eu podia sentir os olhos de Broderick em mim, mas ele não falou, não perguntou com incredulidade se uma bolsa era tudo que eu precisava para ir morar em algum lugar por várias semanas. Comecei a fazer planos

mentalmente. De manhã, ligaria para o meu senhorio e informaria que estava me mudando. Dessa forma, eu poderia economizar o dinheiro do aluguel e conseguir um lugar melhor quando tivesse que deixar o apartamento de Broderick.

As luzes de um carro se aproximaram quando o táxi parou do lado de fora. Broderick silenciosamente pegou minha bolsa e deslizou a alça por cima do ombro. Eu me abaixei no carro aquecido e me perguntei se o apartamento tinha banheira. Era um luxo que eu não tinha há algum tempo, já que a banheira em casa sempre era muito nojenta para realmente usar.

Broderick disse ao motorista o endereço e notei que ficava em uma parte particularmente nobre da cidade. Observei os prédios passarem, minha atenção na janela quando senti a mão quente de Broderick cobrir a minha. Eu me virei para ele, seu toque enviando uma faísca de calor por mim. Nossos olhos se encontraram e seguraram por um momento antes de eu abaixar meu olhar, incapaz de lidar com a maneira estranha como parecíamos nos entender sem precisar falar. Eu senti uma conexão estranha com ele desde o momento em que ele se aproximou de mim no bar.

Como se fosse destino.

Eu afastei a noção ridícula e errônea.

— Aqui estamos. — anunciou o motorista. — Isso vai ser dezoito e sessenta.

Broderick pagou o motorista e me levou para dentro do prédio. Era um bloco de apartamentos moderno e novo. Pegamos o elevador até o sétimo andar e depois caminhamos até o final do longo corredor. Broderick colocou minha bolsa no chão e eu olhei em volta. O lugar não era enorme, mas poderia muito bem ser uma mansão, pelo que eu sabia. Era limpo e novo, e eu seria capaz de relaxar sem a preocupação constante de que uma das minhas colegas de casa invadisse o

quarto. Uma coisa era certa, eu iria saborear cada segundo das próximas semanas.

— Bem, o que você acha? — ele perguntou, parando alguns metros atrás de mim.

Fui até a janela do chão ao teto que levava a uma pequena varanda antes de me virar. — Bem, *obviamente* estou acostumada a alguns padrões bastante elevados, mas acho que isso vai servir. — eu disse, e ele riu.

— Boba. — Ele largou as chaves na mesa de centro. — Você pode ficar com o quarto. É por alí. Tenho que sair em algumas horas de qualquer maneira, então acho que vou apenas tirar um cochilo e dormir no avião.

Meu sorriso caiu e meu peito apertou. Eu odiava que ele tivesse que sair tão cedo. Eu senti como se estivesse conhecendo alguém extremamente importante e agora ele está desaparecendo. Fiz um esforço concentrado para não deixar transparecer em meu rosto o quanto me sentia desanimada.

— Então, você nunca me explicou como está conseguindo pegar um voo no dia de Natal.

Um leve sorriso tocou seus lábios, seus olhos parecendo brilhar com malícia, e ele murmurou: — Você realmente não sabe quem eu sou.

Eu fiz uma careta para ele. — Eu deveria?

Ele esfregou o queixo, deixando escapar um pequeno suspiro. — Não, acho que não. A menos que você esteja na indústria da música.

Meu interesse aumentou. Ele trabalhou na indústria da música? Eu queria fazer um milhão de perguntas, mas a confusão manteve minha boca fechada. Além disso, isso importa? Eu provavelmente nunca o veria novamente depois desta noite. Tínhamos

apenas mais algumas horas e eu não queria que ele pensasse que eu só estava interessada nele por seu trabalho, fosse o que fosse.

Alguns segundos de silêncio se passaram enquanto olhamos um para o outro. Era estranho, como se nós dois gostássemos muito de olhar um para o outro para admitir o quão estranho era ficar aqui trocando olhares.

Mais uma vez, tive a ideia de fazer sexo com ele. Afinal, eu estava além de atraída e tínhamos uma ótima química. O sexo provavelmente seria fantástico. Mas algo em mim disse não. A hora não parecia certa, o que era absurdo. Se eu nunca mais o veria, agora era a hora!

Mas...

Eu só ficaria mais sozinha se tivéssemos sexo incrível e ele tivesse que ir embora logo depois.

— Posso fazer um pedido? — ele perguntou então, sua voz baixa quebrou o silêncio.

Eu olhei para ele com curiosidade. — Que tipo de pedido?

— Cante para mim.

Eu olhei em volta. — Cantar? Aqui?

— Claro. — ele acenou com a cabeça.

Autoconsciência picou em mim. Uma coisa era ele me ouvir cantar em um bar escuro. Sozinhos em um apartamento bem iluminado era outra coisa totalmente diferente. Mas então, ele fez algo realmente gentil ao me deixar ficar aqui e se tudo que eu pudesse lhe dar em troca fosse uma música, então que fosse.

— Hum, tudo bem. O que devo cantar?

— Uma das canções da sua avó. Como aquela que você cantou no pub.

Respirei fundo e caminhei até a janela, sem destino em mente, minhas costas viradas para ele. Eu definitivamente não conseguia cantar e fazer contato visual. Isso seria muito intenso.

O apartamento estava tão silencioso que você podia ouvir um alfinete cair. Senti a atenção total de Broderick em mim. Fechei os olhos e cantei baixinho, os primeiros versos de “The Foggy Dew”. Então, conforme eu avançava na música, minha voz ficou mais alta, preenchendo o espaço. Esqueci-me do público de uma pessoa e me deixei levar pela história, em uma época que os homens lutavam apaixonadamente por seu país, homens que estavam mortos e falecidos, mas cuja bravura vivia na música transmitida de geração em geração.

Quando a música terminou e eu fiquei quieta, um arrepio percorreu meu corpo. Eu não me virei imediatamente. A tensão na sala era muito densa. Esta noite foi uma montanha-russa de emoções e novamente eu estava à beira das lágrimas. Era uma combinação de música, saudade de vovó, a estranha e repentina conexão que senti com Broderick, seu gesto altruísta e o fato de que ele iria embora em poucas horas.

— Isso foi incrível. — ele disse, quebrando o silêncio, sua voz áspera. Mas eu ouvi o espanto em seu tom e me virei. Seus olhos brilharam, e me perguntei se ele estava se sentindo tão confuso quanto eu agora.

— Obrigada. — eu sussurrei.

E ele gesticulou para o espaço ao lado dele. — Venha aqui.

Dei alguns passos hesitantes em direção a ele e me sentei, meu coração na garganta e meu estômago revirando.

Sexo fantástico, Ophelia! Vamos!!

Quando ele estendeu o braço, com um sorriso caloroso nos lábios e atrás dos olhos, parecia natural me inclinar para ele e descansar minha cabeça em seu peito. Fechei os olhos mais uma vez, ouvindo o som de sua respiração, seu batimento cardíaco constante e reconfortante, e de alguma forma - enquanto ainda discutia comigo mesmo se devia ou não cair em tentação - adormeci.

Eu acordei algum tempo depois. Sentando e olhando ao redor do estranho espaço. Memórias da noite anterior inundaram meu cérebro e eu xinguei baixinho, segurando minha testa. Ele se foi.

Meu estômago estava vazio e enjoado e eu não esperava por isso - não que eu tivesse tempo para esperar nada. Foi completamente irracional, mas eu queria chorar. Eu nunca conheci ninguém como Broderick e, em retrospecto, tudo sobre ele visto através do filtro de minhas lembranças oníricas, parecia uma vez na vida.

Boo, Ophelia. Boo.

Isso mesmo, eu estava me importunando.

Eu deveria ter feito sexo fantástico com ele.

Ele me fez sentir vista de uma forma que ninguém jamais havia visto, nem mesmo a vovó, e fiquei infinitamente triste porque sabia, no fundo, que nunca mais o veria.

Olhando ao redor da sala - meio que esperando que ele não tivesse saído, que ele aparecesse de repente - vi um pedaço de papel na mesa de centro. Eu o peguei e descobri que ele havia deixado um bilhete.

Meu coração deu um salto.

Cara O,

Eu não queria te acordar, mas parecia rude sair sem dizer adeus. A noite passada foi perfeita. Eu nunca esquecerei isso. Principalmente seu sorriso de raio de sol e sua voz. Você tem um talento único, Ophelia, um talento que você precisa compartilhar com o mundo. (Não apenas para os caras velhos bebendo cerveja em canecas nos bares escuros.) Estou deixando as informações de contato de alguém que acho que será capaz de ajudá-lo a iniciar uma carreira musical, se você estiver interessada.

Obrigado por passar a véspera de Natal comigo.

Seu,

Broderick Addams.

Minhas bochechas esquentaram quando terminei de ler, minha mente zumbia com esperança e possibilidade, mas também uma estranha sensação de desgraça mesquinha porque seu nome parecia familiar. Mas eu não conseguia me concentrar nisso.

Ele pensou que eu tinha a chance de uma carreira musical? O próprio pensamento fez minhas entranhas ficarem confusas. Então olhei para a nota novamente e percebi - de novo - que ele assinou seu nome completo. *Broderick Addams.*

Eu engasguei, e então pulei - *bem* deselegantemente - do sofá e então pulei em cima dele quando outro tipo de esperança se apoderou de mim. Se ele nunca quisesse me ver novamente, ele teria apenas assinado com seu primeiro nome. Incluir o sobrenome dele me fez sentir que ele queria que eu procurasse por ele! *Ele quer me ver de novo!!*

Ou..

Talvez eu estivesse lendo muito sobre isso. Eu fiz uma careta para seu sobrenome. Ugh. *O que isso significa?* E por que seu nome soou tão familiar?

Sem pensar muito, peguei meu telefone e rapidamente digitei seu nome no Google. E então eu deixei cair meu telefone enquanto minha bunda caiu de volta no sofá e cobri minha boca.

Merda.

— Puta merda.

Broderick Addams.

Deus. Eu o conhecia. Eu sabia quem ele era. *Todo mundo* sabia quem ele era - bem, todo mundo que seguia a música. Produtor da Blackbird Records, ele trabalhou em alguns dos maiores álbuns dos últimos cinco anos. Tipo, dezenas de milhões de cópias vendidas, lançando novas carreiras, rejuvenescendo as antigas.

E eu acabei de passar a noite com ele.

E ele me *beijou.*

E agora eu estava hospedada em um apartamento que ele pagou.

Meu coração batia rápido, batendo forte dentro do meu peito, minha mente uma bagunça. O que eu faria? O *que* devo fazer? Todos os meus sonhos podem se tornar realidade. Broderick Addams acreditava em mim, achava que eu tinha talento. Ele poderia fazer as coisas acontecerem, se eu quisesse que acontecessem.

Mas... Feliz Natal, de fato.

Toquei meus lábios com a ponta dos dedos, lembrando do beijo - nosso beijo - e me senti quente com a confusão. Ele gostou de mim pela minha voz? Ou ele gostou da minha voz por mim?

As palavras de Sally, minha supervisora, no final do meu turno de ontem, se repetiram na minha cabeça. Eu pensei que era um chavão na hora. Algo que as pessoas diziam umas às outras que realmente não significava nada. Bem, parecia que desta vez sim.

Cuidado com o que deseja, Ophelia, principalmente no Natal. Isso pode se tornar realidade.

Fim